

EFEITOS HISTÓRICOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS NO BRASIL: CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM)¹

HISTORICAL EFFECTS ON DEAF EDUCATION IN BRAZIL: LANGUAGE CONCEPTION

Rogers Rocha²

Universidade do Estado de Santa Catarina
rogers.rocha89@gmail.com

Diego Machado da Silva³

Universidade Federal de Santa Catarina
d.machado81@yahoo.com

RESUMO

Para o desenvolvimento do presente artigo, partiu-se de uma investigação de natureza qualitativa por meio de uma revisão bibliográfica, construindo reflexões sobre as concepções de língua(gem) desenvolvidas historicamente, desde a “língua(gem) como a representação do pensamento”, perpassando pela “língua(gem) como instrumento de comunicação” à concepção de língua(gem), como processo de interação (atividade discursiva)”. Elas têm o objetivo de identificar aspectos educativos e políticos que influenciaram a educação de surdos. A língua(gem) como expressão do pensamento, desde a tradição grega até o século XX, não favoreceu o reconhecimento da língua de sinais, desenvolvendo uma educação oralista, pensava-se que o surdo necessitava de oralidade para que seu pensamento não fosse deficiente. A concepção de língua(gem) como instrumento de comunicação (elaborada por Saussure, 1916), que desconsiderou a língua de sinais, porque não estabelecia um padrão, fortaleceu o ensino de Português para surdos como um código linguístico, porém, com o desenvolvimento da estrutura linguística da Libras (código) e das pesquisas na área de neurolinguística sobre a língua de sinais, fortaleceu o reconhecimento linguístico da Libras. Logo, a concepção de língua(gem) como processo de interação, com bases em estudos psicológicos (Vygotsky) e linguísticos (Bakhtin), contribuíram para o fortalecimento social e cultural dos surdos e para a implementação da política educacional bilíngue.

Palavras-Chave: concepção de língua(gem), língua, língua de sinais, surdo, educação, política, comunicação.

ABSTRACT

For this article, we started from a qualitative investigation of a literature review, building reflections about the concepts of language(s), developed historically, from “language(s) as the representation of thinking”, passing through the conception of “language(s) as a communication instrument” till the conception of “language(s) as an interactive process (discursive activity)”. They aim to identify educational and political aspects that influenced the education of deaf people. From the Greek tradition until the 20th century, language as an expression of thinking did not help knowledge of sign language. While developing an oral education, they thought deaf people needed orality, so their thinking was not deficient. The concept of language as a communication tool (made by Saussure, 1916), which disregarded sign language, because it did not establish a standard, strengthened the teaching of Portuguese to the deaf as a linguistic code. However, with the development of the linguistic structure of Libras (code) and the research in the field of neurolinguistics on sign language, they have strengthened the linguistic recognition of Libras. Therefore, the conception of language as an interaction process, based on psychological (Vygotsky) and linguistic (Bakhtin) studies, contributed to the social and cultural strengthening of the deaf and to the bilingual implementation of an educational policy.

Keywords: conception of language(language), language, sign language, deaf, education, politics, communication.

1 Texto produzido sob a supervisão do Prof. Dr. Lourival José Martins Filho.

2 Doutorando em Educação na Universidade do Estado de Santa Catarina -UDESC.

3 Mestrando em Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC.

Introdução

A importância de resgatar as filosofias sobre língua(gem) são extremamente importantes, pois essas concepções contribuíram e ainda contribuem para o reconhecimento das línguas de sinais quanto língua e o direcionamento das políticas públicas na educação de pessoas surdas. Nesse sentido, é de extrema importância estar a par das discussões filosóficas acerca da língua(gem) que permeiam as línguas de sinais, pois afetam os pensamentos filosóficos da sociedade quanto a posição social e políticas das pessoas que utilizam essas línguas(gens).

Por muitos anos, as línguas de sinais no mundo não eram consideradas línguas (gens) e sim uma outra maneira de se comunicar como gestos e mímicas. As primeiras reflexões sobre a língua(-gem) compreendiam as pessoas surdas como deficientes por serem incapazes de falarem utilizando a língua(gem) oral de forma eloquente como as demais pessoas e quando utilizavam as línguas de sinais não eram compreendidas pela grande maioria da sociedade ouvinte obtendo assim caráter de mímica. Sua modalidade viso-espacial também contribuía para serem vistas como gestos e não sendo reconhecida como língua(gem) de fato, porém pesquisas no âmbito acadêmico contribuíram para seus efeitos de reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais (doravante Libras) baseados em concepções estruturais de língua(gem) identificando sua estrutura utilizada como meio comunicacional e reconhecimento legal e de conquistas sociais quando vista como atividade discursiva.

O artigo desenvolver-se-á numa metodologia de natureza qualitativa, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido por meio de números. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem. Os dados coletados nessas pesquisas são descritivos, retratando o maior número possível de elementos existentes na realidade estudada. Preocupa-se muito mais com o processo do que com o produto. O processo que se desenvolverá aqui será por meio da revisão bibliográfica sobre o assunto (PRODANOV & FREITAS, 2013).

A bibliografia revisada tem como objeto a filosofia da língua (gem) na educação de surdos. Assim sendo, o artigo estará dividido por meio das seguintes seções descrevendo os fatos históricos associados com as concepções de língua(gem): A Língua(gem) como expressão do pensamento; A Língua(gem) como Instrumento de Comunicação; A Língua (gem) como processo de interação.

A Língua(gem) como expressão do pensamento

A língua(gem), como expressão do pensamento nessa concepção, refletia literalmente o pensamento de uma forma exteriorizada. A língua(gem) era vista como uma instituição individual, monológica, sendo apenas a exteriorização do pensamento, traduzido por meio das palavras. A língua(gem) era considerada a partir dos pressupostos da lógica, que ainda na antiguidade, guiavam os preceitos das primeiras gramáticas gregas. Neste sentido, a língua deveria ser estudada e aprendida a partir da análise das partes para a compreensão do todo. Sob essa perspectiva o indivíduo que não se expressava bem logo não pensava (GONÇALVES & BARONAS, 2013).

Além do mais, para Aristóteles, a natureza da linguagem humana possuía um suporte biológico:

A partir da fundamentação biológica, o homem é caracterizado como capaz de, por natureza, articular sons e organizá-los numa linguagem. A partir das considerações sobre ciência política, o homem é caracterizado como capaz de, por meio da linguagem, exprimir o conveniente e o inconveniente, o justo e o injusto e, desse modo, organizar uma sociedade política. (NEVES, 1981, p.58)

A partir da fundamentação biológica, o homem é caracterizado como capaz de, por natureza, articular sons e organizá-los numa linguagem. Para Aristóteles, o que está no som é símbolo do que está na alma, mas não necessariamente o conceito que está no som, o significado, é congruente com o conceito que está na alma, embora só sob as formas de linguagem possam ser apreendidos os conteúdos mentais. A relação entre a linguagem e as coisas é mediata, porque passa pelos estados de alma (NEVES, 1981). Neste caso, o autor parece afirmar, que os conteúdos mentais são aprendidos sob linguagem articuladas em sons e com isso fortalecendo a ideia daquele que não produz uma linguagem oral seja inferiorizado.

Acreditava-se que quem falasse ou escrevesse “corretamente” seguindo e dominando as normas que compõem a gramática da língua, conseguia transmitir de maneira mais “correta” suas ideias e era considerado um indivíduo que organiza logicamente o seu pensamento (MOURA, LODI e HARRISON, 1997 apud ALBRES e OLIVEIRA, 2013).

A igreja também teve forte influência para enfatizar a fala como atributo essencial de aprendizagem e conhecimento. Encontram-se, em textos bíblicos, passagens que revelam que os surdos, por exemplo, assim como os demais deficientes⁴, eram considerados pecadores, já que o corpo era o “templo da alma” e em consequência, um corpo imperfeito refletia o estado de alma também imperfeita (ALBRES e OLIVEIRA, 2013).

A Bíblia diz em João 9:2-3: “Perguntaram-lhe os seus discípulos: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego? Respondeu Jesus: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi para que nele se manifestem as obras de Deus.”

Outra passagem bíblica sobre deficiência ainda como carga pecaminosa em Levítico 21:16-24:

16 Falou mais o Senhor a Moisés, dizendo: 17 Fala a Arão, dizendo: Ninguém da tua descendência, nas suas gerações, em que houver algum defeito, se chegará a oferecer o pão do seu Deus. 18 Pois nenhum homem em quem houver alguma deformidade se chegará; como homem cego, ou coxo, ou de nariz chato, ou de membros demasiadamente compridos, 19 Ou homem que tiver quebrado o pé, ou a mão quebrada, 20 Ou corcunda, ou anão, ou que tiver defeito no olho, ou sarna, ou impigem, ou que tiver testículo mutilado. 21 Nenhum homem da descendência de Arão, o sacerdote, em quem houver alguma deformidade, se chegará para oferecer as ofertas queimadas do Senhor; defeito nele há; não se chegará para oferecer o pão do seu Deus. 22 Ele comerá do pão do seu Deus, tanto do santíssimo como do santo. 23 Porém até ao véu não entrará, nem se chegará ao altar, porquanto defeito há nele, para que não profane os meus santuários; porque eu sou o Senhor que os santifico. 24 E Moisés falou isto a Arão e a seus filhos, e a todos os filhos de Israel.

Uma última passagem bíblica (porém não menos importante) está no livro de Marcos no capítulo 7 em que ressalta a necessidade de falar a língua oral pelo surdo:

31 A seguir Jesus saiu dos arredores de Tiro e atravessou Sidom, até o mar da Galileia e a região de Decápolis. 32 Ali algumas pessoas lhe trouxeram um homem que era surdo e mal podia falar, suplicando que lhe impusesse as mãos. 33 Depois de levá-lo à parte, longe da multidão, Jesus colocou os dedos nos ouvidos dele. Em seguida, cuspiu e tocou na língua do homem. 34 Então voltou os olhos para o céu e, com um profundo suspiro, disse-lhe: “Efatá!”, que significa “abra-se!” 35 Com isso, os ouvidos do homem se abriram, sua língua ficou livre e ele começou a falar corretamente. 36 Jesus ordenou-lhes que não o contassem a ninguém. Contudo, quanto mais ele os proibia, mais eles falavam. 37 O povo ficava simplesmente maravilhado e dizia: “Ele faz tudo muito bem. Faz até o surdo ouvir e o mudo falar”.

4 Os surdos eram tratados como deficientes na antiguidade diferentemente de hoje, na era contemporânea, os quais são vistos como pessoas com apenas diferença linguística.

Para esta concepção, o ser humano representa o mundo por meio da linguagem, cuja função seria também a de representar seu pensamento e conhecimento de mundo. Um indivíduo que não falasse ou não falasse bem não poderia se expressar bem e não poderia pensar bem, porquanto a expressão se construiria no interior da mente, como lugar de produção, secundarizando a língua, útil apenas por exteriorizar, traduzir o pensamento (ALBRES e OLIVEIRA, 2013).

A valorização das normas gramaticais do falar e do escrever “bem”, remete a eficiência comunicativa em que o indivíduo organiza de maneira lógica o seu pensamento no seu falar, para isso, haveria regras, disciplinando-o.

O catolicismo era de grande influência na vida de toda sociedade da época, porém não poderia prescindir dos que detinham o poder econômico. Logo, passou a se preocupar em instruir os surdos nobres para que o círculo não fosse rompido. Possuindo uma língua, eles poderiam participar dos ritos, dizer os sacramentos e, conseqüentemente, manter suas almas imortais. Além disso poderiam contribuindo com a igreja (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Todos os deficientes até o século XV tornaram-se alvo da medicina e da religião católica. A medicina tinha objetivo em pesquisa e o catolicismo promover a caridade com as pessoas doentes, pois ter alguma doença era o mesmo que carregar alguma punição (HONORA e FRIZANCO, 2009).

No início da Idade Moderna, muitos monges como Melchor Sanches de Yebra (1526-1586) e Gerolamo Cardomo (1501-1576) contribuíram com a alfabetização de surdos os ensinando a lerem e a escreverem (PLANN, 1997). Cardano cujo seu primeiro filho era surdo, afirmava que os surdos poderiam receber instruções. Por meio de suas pesquisas, entendeu que a escrita representava os sons da fala e das ideias do pensamento distanciando da compreensão dos surdos (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Beneditino Pedro Ponce de León (1510-1584) e Juan Pablo Bonet (1579-1633) publicaram o alfabeto manual, livros e métodos que ensinavam aos surdos a usar sinais, escrita e oralização. O alfabeto manual representava configurações de mão que correspondiam uma letra do alfabeto com objetivo de ensinar os surdos a língua oral (PLANN, 1997).

Pedro Ponce de León foi tutor de muitos surdos e foi dado a ele o mérito de provar que as pessoas surdas eram capazes o que contrariou a afirmação anterior de Aristóteles. Viveu em um monastério na Espanha por volta de 1570, e usava sinais rudimentares para se comunicar, já que havia o Voto do Silêncio. Dois irmãos surdos, Francisco e Pedro de Velasco, foram educados por de León. Pertenciam a uma família em que havia quatro irmãos surdos (PLANN, 1993). Honora e Frizanco (2009) afirmam haver registros de que uma família espanhola teve muitos membros surdos por terem muitos casamentos entre si com o objetivo de não dividirem os bens com estranhos. Alguns descendentes dessa família foram para o mosteiro de Ponce de Leon e lá junto a ele originaram a língua de sinais. As autoras afirmam que seus alunos foram pessoas importantes e que dominaram áreas da ciência como Filosofia, História, Matemática, destacando o seu trabalho por toda a Europa. Seu método iniciava com ensino da escrita por nome dos objetos, depois o ensino da fala que sempre iniciava pelos fonemas. Plann (1993) afirma que os surdos da família de Velasco auxiliaram de León no desenvolvimento de seu processo educacional, contribuindo de maneiras mais eficazes para essa aprendizagem. Portanto, essa contribuição deve ser reconhecida ao referenciar à educação proposta por de León visto que há grande possibilidade de que esse tenha sido o fator crucial para o sucesso de seu método educativo, já que outros, tentaram copiar sem sucesso (e possivelmente sem compreender o porquê do fracasso).

Os nobres sentiram necessidade de educar seus primogênitos surdos para que tivessem direito à herança. Era necessário saber falar para não pôr em risco a riqueza da família e garantir sua posição e seu reconhecimento como cidadão diante a sociedade (HONORA e FRIZANCO, 2009).

Juan Palblo Bonet (1579-1633) era um padre espanhol, filólogo e soldado a serviço secreto do rei. Criou o primeiro tratado para se ensinar surdos-mudos⁵ que iniciava com a escrita sistematizada pelo alfabeto publicada na França com o nome “Redação das Letras e Artes de Ensinar os Mudos a Falar”. Foi o primeiro a criar o alfabeto manual com o objetivo de ensinar o surdo a ler cada som da fala ao substituir por uma forma visível (Ibidem, 2009).

Outros educadores na Europa defendiam o oralismo para surdos. O holandês Van Helmont (1614-1699), médico suíço Johann Conrad Amman (1669-1724), educador surdo Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780), Samuel Heinicke (1727-1790). (Ibidem, 2009)

Van Helmont (1614-1699) tinha como método a oralização por meio do alfabeto manual da língua hebraica, já que, de acordo com ele, as letras hebraicas indicavam a posição da laringe e da língua ao reproduzir cada som. Foi o primeiro a descrever a leitura labial e também o uso do espelho, aperfeiçoado por Amman. (Ibidem, 2009)

Johann Conrad Amman (1669-1724) foi um médico e educador de surdos na Suíça. Tinha como foco o oralismo, pois acreditava que os surdos eram pouco diferentes dos animais por não conseguirem falar. Aperfeiçoou os procedimentos de leitura labial por meio de espelhos e tato identificando as vibrações da laringe. Compreendia que “na voz residiria o sopro da vida, o espírito de Deus” e que a língua de sinais atrofiava a mente. (Ibidem, 2009)

Embora Jacob Rodrigues Pereira (1715-1780) fosse surdo e fluente em língua de sinais, defendia a oralização dos surdos. Seu trabalho tinha como objetivo de “desmutização” por meio da visão, isto é, usava um alfabeto manual e manipulava os órgãos da fala de seus alunos. (Ibidem, 2009)

Samuel Heinicke (1727-1790) considerado o pai do oralismo fundou a primeira escola pública oralista. Foi considerado por muito tempo como o precursor do oralismo. Promoveu vários congressos e eventos para disseminar e discutir a supremacia sobre oralismo versus sinalização. Sua atitude e a de muitos educadores a favor do oralismo, acabou culminando no Congresso de Milão de 1880. (CAMPELO, 2009).

Por muitos anos, o surdo foi classificado como incapaz, inapto e até mesmo como inumano. Na perspectiva clínica, os surdos eram incumbidos da responsabilidade de recuperar a sua “saúde”, já que por possuir um problema clínico tem que almejar sua cura, isto é, uma busca constante para normalizar o corpo físico. As pessoas são reduzidas à sua deficiência, e os surdos passam a ser caracterizados por aquilo que os falta, enfatizando o aspecto clínico-terapêutico e visando à reabilitação física. Nessa perspectiva...

Considerado uma pessoa que não ouve e, portanto, não fala. É definido por suas características negativas; a educação se converte em terapêutica, o objetivo do currículo escolar é dar ao sujeito o que lhe falta: a audição, e seu derivado: a fala. Os surdos são considerados doentes reabilitáveis e as tentativas pedagógicas são unicamente práticas reabilitatórias derivadas do diagnóstico médico cujo fim é unicamente a ortopedia da fala. (SKLIAR, 1997, p.113).

A limitação dos surdos como concebido na área da saúde, eles são compreendidos como alguém que possui uma doença que deve ser tratada e curada pelo otorrinolaringologista e pelos demais profissionais da Fonoaudiologia e da Medicina. Os “corpos surdos” devem ser resgatados por meio da

5 Esse termo era utilizado na época, mas caiu em desuso atualmente.

recuperação da audição. Além disso, o que conduz essas concepções e intervenções clínicas sobre os “corpos surdos” é à busca pela normalização, ou seja, pelo alcance de uma padronização que molde os surdos ao modelo ouvintista. Isso se faz indispensável porque pressupõe-se que os surdos estão em desvantagem em relação aos ouvintes e que, portanto, precisam igualar-se a eles. Assim, objetiva-se o “disciplinamento do comportamento e do corpo para produzir surdos aceitáveis para a sociedade dos ouvintes” (SKLIAR, 1998, p.10).

A reabilitação dos corpos surdos para a recuperação da audição com objetivo de recuperar também seu pensamento deficiente ganha ainda mais forma pelo sistema capitalista produtivista. No século XVIII e do século XIX, a burguesia necessitava de um tipo de ser humano capaz de suportar uma nova ordem político-econômica e, para ter êxito, investiu nas “forças produtoras do corpo” e também no seu crescimento (SIEBERT, 1995, p.25).

É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que poder ser transformado e aperfeiçoado. [...] Nesses esquemas de docilidade, em que o século XVIII teve tanto interesse, o que há de tão novo? Não é a primeira vez, certamente, que o corpo é objeto de investimentos tão imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações (FOUCAULT, 2010, p.75)

Se considerarmos a questão da visão do humano enquanto um “corpo produtivo”, podemos entender certos mecanismos da sociedade capitalista em que foco do desenvolvimento é o capital e, conseqüentemente, o desenvolvimento de mão-de-obra. Sendo assim, os surdos, por serem considerados potencialmente incapazes de uma vida normal e não plenamente produtivos, devem, numa perspectiva patológica, serem curados para que possam atuar satisfatoriamente no mercado de trabalho, contribuindo com o desenvolvendo social e com a obtenção de lucro. Nesse sentido, o sistema capitalista valoriza o ouvinte sem deficiência tornando-o o padrão hegemônico de referência de profissionais produtivos. Assim, almeja-se a cura dos “corpos surdos”, já que eles só se tornarão cidadãos produtivos e valorizados se se tornarem “corpos ouvintes”.

Dessa forma o que acontece é que a deficiência, como estereótipo do desvio, também se enquadra no grupo das marginalidades produzidas pela ideologia da classe dominante. Portanto, não se pode dissociar a condição de indivíduo deficiente de uma idéia exterior de capacidade produtiva e da concepção de corpo social que fundamenta todas as relações políticas e econômicas. (MARQUES, 1998, p.03)

A visão normalizadora restringe-se a visão do surdo enquanto um corpo doente e incompleto, o qual deve ser normalizado, ignorando, por sua vez, os aspectos sociais e antropológicos, assim como o fato de os surdos serem seres humanos com demandas e necessidades comuns aos demais não surdos. A perspectiva normalizadora tem como modelo o “ouvir e o falar”, utilizando recursos tecnológicos e cirurgias clínicas para que se possa recuperar a audição e desenvolver a fala vocal. Assim, o implante coclear, os aparelhos auditivos, próteses etc são centrais para reparar ou curar a patologia da surdez. Se um corpo necessita de recursos para se “normalizar”, é porque ele é deficiente, ou seja, necessita de reabilitação. Pode-se dizer que, nesta visão, quem controla o corpo surdo é a sistema capitalista produtivista que se aproveita das concepções da língua como espelho do pensamento para justificar a não capacidade da pessoa surda para assumir inúmeros trabalhos que exija a audição e fala oral. Nessa visão, os surdos é que devem ser mudados para se encaixar na sociedade hegemonicamente ouvinte e capitalista. A sociedade não se responsabiliza pela mudança nem pela promoção de condições equânimes. A educação de surdos que se organiza por esta perspectiva, impõe práticas oralizadoras, assim como o Português enquanto língua alvo, em detrimento da Libras e da singularidade das pessoas surdas sinalizantes.

Historicamente, se sabe que a tradição médico terapêutica influenciou a definição da surdez a partir do déficit auditivo e da classificação da surdez (leve, profunda, congênita, pré-linguística, etc.), mas deixou de incluir a experiência da surdez e de considerar os contextos psicossociais e culturais nos quais a pessoa Surda se desenvolve (SÁ, 2002, p. 48).

Portanto, o oralismo demonstrava reflexo do pensamento e o ensino de gramática. Nessa concepção, preconiza a exposição de regras do bem falar e escrever, herdadas da tradição greco-latina, seguindo uma lógica organizacional imposta a todos que desejam expressar-se com clareza. A língua(gem) é tida, pois, como homogênea, estática e invariável. Para tanto, são escolhidos textos modelos de bom uso com o intuito de atingir os objetivos propostos, dentre esses, a transmissão de uma visão purista de língua(gem), opondo “certo” e “errado”, excluindo de seu escopo todas as demais variedades existentes na sociedade (GONÇALVES e BARONAS, 2013). O sistema capitalista nesse caminho parece se aproveitar dessa perspectiva normalizadora da surdez com intuito de consertar a deficiência para tornar aqueles corpos surdos em corpos produtivos dóceis para obtenção do capital.

A Língua (gem) como Instrumento de Comunicação

A segunda concepção de língua(gem) é compreendida como comunicação. A língua⁶ é vista fora de seu contexto de utilização, fundamentando-se nos pressupostos do estruturalismo, ou seja, como um código definido num conjunto de signos que se combinam segundo regras, funcionando da comunicação de uma mensagem de um emissor para um receptor o qual é compartilhado entre os falantes, ser convencionado, para garantir a eficácia da transmissão. O sistema linguístico, neste caso, sustenta-se como um dado externo à consciência do indivíduo, isto é, a língua existe independente das pessoas (ALBRES e OLIVEIRA, 2013).

Numa perspectiva estrutural de ver a língua, a qual está relacionada às ideias desenvolvidas por Ferdinand de Saussure (1916), em que estabelece a dicotomia *langue* (língua) e *parole* (fala), elege como objeto de estudo da linguística a *langue* num viés de considerar a língua como um sistema independente dos falantes. A língua é um sistema de signos estruturados, ela é sistemática, enquanto a fala é individual. O signo por sua vez não é apenas nomenclaturas e sim a relação de uma imagem acústica chamado de significante com um conceito denominado significado, que juntos formam um signo. Um signo ganha valor em sua relação com outros signos. Nessa relação, alinhados um após o outro formam uma relação chamada sintagma. A relação baseada nos elementos que são combinados se chama paradigma. Sendo assim, tendo o objetivo de descrever a língua como subsistema nas unidades constitutivas explicando o seu funcionamento interno.

Em se tratando de língua de sinais, é inegável o caráter fonocêntrico de Saussure desde a definição de signo linguístico possuidor de um significante o qual é definido como imagem acústica. Nas línguas de sinais, por pertencerem a modalidade espaço-visual, não poderiam ser atribuídas à imagem acústica no signo. É possível que para ele se não houvesse imagem acústica não haveria signo e não havendo signo não haveria língua. Para o referido autor a língua é um sistema de signos comparável “à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares etc. Ela é apenas o principal desses sistemas” (SAUSSURE, 1995, p. 24). Sendo assim, mostra superioridade das línguas orais diante das línguas de

6 Nessa seção, será grafada língua e não língua(gem), pois Saussure diferencia língua de linguagem, diferentemente dos outros teóricos que não diferenciam.

sinais nomeadas de alfabeto de surdo-mudo. É possível também que as línguas de sinais não referenciavam as características de convencionalidade, principal aspecto defendido por Saussure, portanto, só poderia ser estudada pela Semiologia, não sendo objeto de estudo da linguística.

No seu livro de Linguística geral, ele aborda sobre o circuito da fala onde para achar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua, é necessário colocarmo-nos diante do ato individual que permite reconstruir o circuito da fala. Esse ato supõe pelo menos dois indivíduos; é o mínimo exigível para que o circuito seja completo. Suponhamos, então, duas pessoas, A e B, que conversam

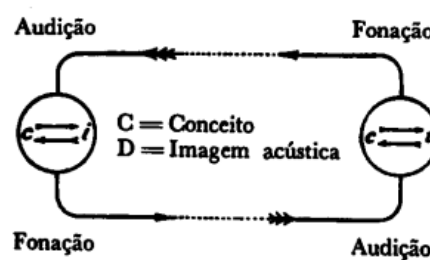
Figura 1: Circuito da Fala



Fonte: Curso de Linguística Geral, p.19

O cérebro é o ponto de partida do circuito, onde os fatos de consciência que se chamam de conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. O conceito é um fenômeno psíquico segundo de um processo fisiológico, isto é, o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B. Ao chegar ao ouvido de B, o circuito se prolonga numa ordem inversa, ou seja, do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondentes. Esse ato pode se prolongar de B para A sucessivamente como a figura a seguir apresenta:

Figura 2: Circuito da Fala



Fonte: Curso de Linguística Geral, p.20

A figura retrata bem o caráter fonocêntrico atribuído por Saussure. Fonocentrismo não só na visão de Derrida (2006) sobre o fato de existir lacunas que existem na fala e somente a escrita contribui para complementá-la, mas sim da ausência de exemplos de línguas de sinais para dar o status de língua e não de linguagem.

Numa perspectiva muito similar ao estruturalismo, surgiu uma outra teoria no século XX chamada Teoria Gerativa desenvolvida pelo linguista estadunidense Noam Chomsky. O nível de análise que o gerativismo privilegia é o nível sintático, uma abordagem de estudo das estruturas frasais, produzidas por um "falante de desempenho ideal", competente, sem limitações ou interferências externas, de nenhuma natureza (ALBRES e OLIVEIRA, 2013)

Esta concepção segundo Albres e Oliveira (2013) novamente põe em risco a aceitação da língua de sinais, pois favorece uma língua padrão para efeitos comunicativos. Acreditava-se que a língua está na mente dos falantes e se transforma de acordo com as interações com o meio, a língua é vista como um sistema a ser desenvolvido já que é inato. Neste sentido, a língua era considerada um código usado para transmitir mensagens de um emissor para um receptor, desconsiderando os aspectos sociais, históricos e individuais.

Porém estudo em diferentes campos como a linguística e a neurociência, ainda pautadas na concepção de língua como um código, contribuem para o reconhecimento das línguas de sinais como línguas naturais. A seguir, citamos alguns marcos históricos. Estudos no campo da linguística permanecem inscritos nesta perspectiva, tanto que Willian Stokoe, do Departamento de Linguística da Galaudet, Universidade de surdos nos EUA, partindo da premissa da língua de sinais como sistema, toma-a como objeto de estudo. Como a língua de sinais foi, por muito tempo, considerada mímica e gestos, em 1960, com seus estudos, mostra que as línguas podem ser tanto orais auditivas como gestuais-visuais. Stokoe, com base em uma abordagem estruturalista, descreve e registra minuciosamente a formação dos sinais. Descreveu sua produção articulatória de acordo com a configuração, localização e movimentos da(s) mão(s), assim como linguísticas descreviam a articulação das palavras nas línguas orais, caracterizando a cavidade bucal e nasal e a articulação dos sons. Logo em seguida, também despontaram estudos no campo da descrição da sintaxe das línguas de sinais (WILBUR, 1979).

No Brasil, a linguista Ferreira Brito (1984) contribui para a descrição da língua de sinais e foi publicado em 1995 por esta autora o livro “Por uma Gramática de línguas de sinais”, reconhecendo a língua espaço-visual usada por surdos dos centros urbanos brasileiros como uma língua natural. Ronice Müller de Quadros (1995, 2004) contribuiu também com a descrição da Libras numa perspectiva gerativista procurando encontrar princípios universais, que regem todas as línguas(gens), na Libras, pois nessa perspectiva, “apesar das diferenças entre as línguas, as estruturas apresentam aspectos comuns que interessam às investigações linguísticas por explicarem a natureza da linguagem humana” (QUADROS & KARNOPP, 2004, p.17).

Portanto, nessa perspectiva, a língua era vista como comunicação permeado por um sistema. A gramática era o seu sistema, a qual iniciou nas línguas de sinais sua descrição pelos seus parâmetros que equivaleria aos fonemas nas línguas orais. Sendo assim, as línguas de sinais foram aos poucos reconhecidas como línguas, isto significa que esta concepção favoreceu o reconhecimento da Libras pela lei 10.436, de 24/04/2002 estabelecida como meio de comunicação de surdos e em seguida o decreto 5.626 que estabelece a Libras como primeira língua do surdo e a língua portuguesa na modalidade escrita como segunda língua.

A Língua(gem) como processo de interação

Nessa concepção, língua(gem) acontece em um contexto sócio histórico e ideológico, num lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma das situações de comunicação. Os usuários da língua(gem) ou interlocutores interagem enquanto sujeitos que ocupam lugares sociais e “falam” e “ouvem” desses lugares de acordo com formações imaginárias (imagens) que a sociedade estabeleceu para tais lugares sociais. (TRAVAGLIA, 2009, p. 23)

Ao falar em interacionismo, deve-se pensar no filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804), que com a elaboração de seu sistema filosófico propôs a junção de dois elementos para o desenvolvimento da nossa concepção do mundo: a razão (interno / sujeito) e as experiências dos sentidos (externo / meio); unindo, dessa forma, os pensamentos filosóficos racionalista (razão) e empirista (experiências dos sentidos) a qual ficou conhecido como Criticismo (BORGES, 2004).

Inspirado pelas ideias de Rousseau em uma educação que seguisse o curso da natureza em vez de ir contra a natureza, estabelecia novas prioridades e introduzia novos métodos como por exemplo o ensino de língua pela conversação (SANTOS, 2016).

Além do pensamento de Crítico de Kant, o interacionismo teve influência no século XX do Marxismo tanto em Lev Semyonovich Vygotsky (1868-1934) quanto em Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975).

Vygotsky foi um pesquisador soviético que contribuiu com essa visão de língua (gem). Foi um psicólogo, proponente da psicologia cultural-histórica e pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual das crianças ocorre em função das interações sociais e condições de vida.

No que se refere a segunda concepção de língua(gem), o pesquisador critica à produção de uma linguagem morta, preparada artificialmente. Aponta que o caminho é distanciar a discussão do método de ensino da articulação e inseri-lo na educação como um todo, em uma educação político-social (ALBRES e OLIVEIRA, 2013).

Essa língua(gem) artificial foi ensinada para os surdos por muito tempo numa perspectiva oralista em escolas especiais onde efeitos devastadores do fracasso escolar massivo em que, segundo Skliar (1998) foi produto da hegemonia de uma ideologia clínica dominante na educação de surdos.

Vygotsky percebeu, segundo Albres e Oliveira (2013), em seguida que, no caso dos surdos, especificamente, há necessidade de um espaço para seu desenvolvimento linguístico característico, tendo como solução a utilização da mímica (chamada assim as línguas de sinais na época). É importante mencionar a questão da plasticidade do funcionamento mental humano, em que um problema sensorial não corresponde a uma deficiência, pois pode ocorrer a compensação da surdez e esta não se efetiva como deficiência, principalmente pelas interferências socioculturais. Portanto Vygotsky afirma:

A linguagem não depende necessariamente do som. Há, por exemplo, a linguagem dos surdos-mudos e a leitura dos lábios, que é também interpretação de movimentos. [...] Em princípio, a linguagem não depende da natureza material que utiliza. [...] Não importa qual o meio, mas sim o uso funcional dos signos, de quaisquer signos que pudessem exercer um papel correspondente ao da fala nos homens (VIGOTSKI, 1998b [1934], p. 47).

Outro autor que escreveu nessa mesma perspectiva, língua através da interação, e não menos importante foi Bakhtin (1895-1975). Ele foi filósofo e pensador russo o qual influenciou os estudos sobre história, filosofia, antropologia, psicologia, sociolinguística, análise do discurso e semiótica. No entanto, sua maior contribuição, foi o legado dos estudos da linguagem a qual chamada por outros pesquisadores com uma visão “translinguística”, pois para Bakhtin a língua não se encaixava em um sistema isolado. Toda e qualquer análise linguística deveria tratar também de outros fatores, como a relação do emissor com o receptor, o contexto social, histórico, cultural, ideológico e de fala.

Segundo Bakhtin (BAKHTIN, 2014 [1929]), a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Conforme Bakhtin (1992), no seu livro *Estética da Criação Verbal* :

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida pelos enunciados concretos que a realizam, e é, também, pelos enunciados concretos, que a vida penetra na língua. O enunciado situa-se no cruzamento excepcionalmente importante de uma problemática (BAKHTIN, 1997, p. 282).

Com base na ideia de que a língua funciona por meio dos enunciados concretos, Albres e Oliveira (2013) afirmam que Bakhtin provoca, no último século, mudança de discursos e práticas educacionais, pois até então a educação tradicional, embasada no ensino de gramática, acarretou um fracasso escolar massivo dos surdos educados em escolas especiais, produto da educação clínica e paternalista que predominou por muitos anos.

As autoras supracitadas afirmam que essa concepção da língua como atividade discursiva e constituidora da identidade dos indivíduos surdos também favoreceu o reconhecimento linguístico da Libras, contribuiu para o fortalecimento social e cultural dos surdos, sua denominação como comunidade e minoria linguística.

Muito tem se lutado por igualdade social fortalecendo a inclusão dos surdos numa perspectiva bilíngue. Nesse movimento, os surdos se organizam em movimentos sociais em prol de uma educação bilíngue para surdos (ALBRES e OLIVEIRA, 2013 apud ALBRES e SANTIAGO, 2012) e programas de educação bilíngue para surdos são implementados, assessorados por pesquisadores inscritos nesta concepção de língua(gem) mais social (LODI e LACERDA, 2009).

Em meio as políticas educacionais, a comunidade surda compreende a educação de surdo numa perspectiva bilíngue sob duas perspectivas básicas: por meio de escolas bilíngues de surdos e por meio de escolas regulares. Escolas bilíngues com o par linguístico Libras/Português voltadas para estudantes surdos são defendidas por acreditarem que a educação de surdos se tornaria mais eficaz e de qualidade com aulas ministradas por meio da Libras. Nessa perspectiva, o surdo obtém a verdadeira inclusão através de uma escola apropriada para isso. Nas escolas regulares inclusivas, a educação para surdos também acontece por meio de um ensino bilíngue com o par linguístico Libras/Português, porém com a presença do Intérprete Educacional⁷ e com aulas de Libras e língua portuguesa como segunda língua no Atendimento Educacional Especializado.

Essa perspectiva refletiu também nos Parâmetros Curriculares Nacionais,

“Linguagem aqui se entende, no fundamental, como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história. Os homens e as mulheres interagem pela linguagem tanto numa conversa informal, entre amigos, ou na redação de uma carta pessoal, quanto na produção de uma crônica, uma novela, um poema, um relatório profissional” (BRASIL, 1998, p.20)

Amplia-se a compreensão sobre a língua(gem), entendendo-a a partir de sua função social, pois o indivíduo imprime sua autoria na fala, deixando-se envolver pelo contexto interacional e a presença do outro é de extrema importância. Inscrita também nas diretrizes do Ministério da Educação - Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, “a linguagem é uma forma de ação interindividual orientada por uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos da sua história” (BRASIL, 1998, p. 24).

7 Chama-se Intérprete Educacional o Tradutor e Intérprete de Libras que atua na educação.

Considerações Finais

Foram contextualizadas três reflexões sobre as concepções de língua(gem) desenvolvidas ao longo da história: língua(gem) como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como processo de interação.

Na primeira concepção, o surdo era visto como deficiente, pois da forma incompreensível que falava remetia seu pensamento que também era considerado deficiente. Assim, as políticas educacionais para os surdos se inclinavam para a filosofia oralista.

A língua(gem) como instrumento de comunicação partia dos aspectos estruturais da língua(gem) para serem utilizadas como código com objetivo comunicacional. Nesse sentido, a Libras foi estruturalmente descrita identificando aspectos linguísticos comuns das línguas(gens) orais, obtendo dessa forma, contribuição do meio científico para reconhecimento da Libras como língua(gem) no meio político.

A língua(gem) como processo de interação reconhece a língua(gem) a partir das funções sociais que ela desempenha, a qual contribuiu para uma perspectiva bilíngue já que os surdos utilizam a Libras e língua portuguesa no seu contexto social brasileiro.

Portanto, a abordagem bilíngue, predominante nas últimas décadas, evidencia as concepções de língua e linguagem numa perspectiva sociointeracionista. Diante do objetivo explicitado no resumo, tal contexto educacional e político é um importante impulsionador nas formas de se conceber a língua(gem) na educação de surdos no Brasil.

Referência

ALBRES, Neiva de Aquino; OLIVEIRA, Sonia Regina Nascimento de. *Libras em estudo: política linguística. Concepções de língua(gem) e seus Efeitos nas Conquistas Políticas e Educacionais das Comunidades Surdas no Brasil*. Feneis, São Paulo, 2013.

BAKHTIN, M. (Volochninov). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992 (texto original de 1929).

BAKHTIN, Mikhail M. *Estética da criação verbal*. 5a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010

BRASIL. *Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/CEF, 1998.

_____. *Lei n. 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm

BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. 2. ed. Rio de Janeiro: TB - Edições Tempo Brasileiro, 2010.

Derrida, J. (2006). *Gramatologia*. São Paulo, SP: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1967)

GONÇALVES, Leticia Aparecida de Araújo & BARONAS, Joyce Elaine de Almeida. *Concepções de linguagem: gramática de língua portuguesa e ensino de língua materna*. Entretexos, Londrina, v.13, nº 02, p. 243 – 265, jul./dez.2013

HONORA, M, FRIZANCO, M.L.E. *Livro Ilustrado da Língua Brasileira de Sinais: Desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LODI, A. C. B. (Org.) & LACERDA, C. B. de F. (Org.). *Uma escola duas línguas: Letramento em língua portuguesa e língua de sinais nas etapas iniciais de escolarização*. 1 a. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009.

- MARQUES, Carlos A. Implicações políticas da institucionalização da deficiência. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 19, n. 62, p. 105-122, Abril. 1998.
- MOURA, Rosana Silva de; HARDT, Lúcia Schneider. *Filosofia da Educação - Entre Devires, Interrupções e Aberturas - Outro Mundo Contemplado: A Educação, suas Tarefas e seus Paradoxos segundo Kant*, Blumenau-Edifurb, 2016.
- MOURA, M.C; LODI, A.C.B e HARRISON, K; M.R. *História e Educação: o surdo, a oralidade e o uso de sinais*. Universidade Federal de Alagoas- UFAL, 1997.
- NEVES, Maria Helena Moura. *A Teoria Linguística em Aristóteles*. Alfa, São Paulo.25:57-67, 1981.
- PLANN, S. Pedro Ponce de León: Myth and reality. In: VAN CLEVE, J. V. (Ed.) *Deaf history unveiled: interpretation from the new scholarship*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 1999. (Data do copyright: 1993).
- QUADROS, R. M. de Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre. Artes Médicas. 1997.
- QUADROS, R. M. e KARNOOP L. B. Língua de sinais brasileira - Estudos Linguísticos. Porto Alegre. Artes Médicas. 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. Ed Cutrix, São Paulo, 2006.
- SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: ROMERO, Elaine. *Corpo, Mulher e Sociedade*. Campinas: Papyrus, 1995.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- VIGOTSKI, Lev Semionovic. Obras Escogidas. *Fundamentos de Defectologia*. Tomo V. Edición em lengua castellana. Madrid – Espana: Visor Dis, 1997.
- _____. *A formação Social da mente* (Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1998a.
- _____. *Pensamento e Linguagem*. (Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1998b.
- WILBUR, R. *Descripton Linguistique de la Langue des Signes. Langages*. Paris: Larousse, n. 56. p. 13-31, 1979.

Recebido em: 07/06/2021

Aceito em: 27/09/2021